

**ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE
TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOL**

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS
TOMO I

Subordinação em línguas da família Tupí-Guaraní*

Heloísa Maria Moreira Lima Sales (Universidade de Brasília)

INTRODUÇÃO

Neste estudo, examina-se a subordinação nas línguas tupinambá, tapi-rapé e kamaiurá, tomadas como exemplo da família do Tupí-Guaraní (TG), em estruturas completivas. Conforme detalhado em vários estudos, se os sujeitos são correferentes (COR), o predicado subordinado ocorre incorporado ao predicado matriz; se a referência entre os sujeitos é disjunta (DIS), não ocorre incorporação, e o predicado subordinado ocorre nominalizado, recebendo morfologia de caso (cf. Leite (1977), Rodrigues (1996), Seki (2000), Praça (1997)).

Adotando o quadro teórico da gramática gerativa (Chomsky (1995)), postula-se que, nas construções COR, a expressão incorporada resulta do deslocamento de núcleo na estrutura oracional (cf. Baker (1988)). Propõe-se ainda que a incorporação nessas construções codifica o fenômeno da *reestruturação*, um tipo de união oracional cujos efeitos se manifestam em outras línguas (cf. Rizzi (1982), Kayne (2000), Baker (1995), Roberts (1997), Cinque (2001)). Relativamente às construções DIS, postula-se que o complemento nominalizado, em línguas TG, codifica propriedades sintático-semânticas semelhantes às do complemento oracional finito, em línguas indo-européias.

O estudo será desenvolvido como a seguir: na seção 1, serão apresentados os casos de incorporação nas línguas TG, em oposição aos casos em que a incorporação não ocorre; na seção 2, será abordado o fenômeno da *reestruturação* e sua manifestação translingüística; na seção 3, será discutido o contraste entre CP e DP argumentais em termos da codificação de propriedades temporais e aspectuais. Na seção 4, será apresentada a conclusão.

* A elaboração do presente artigo contou com apoio do Professor Aryon Rodrigues, a quem gostaria de agradecer pelas discussões, pelos ensinamentos. Gostaria de agradecer ainda à Walkíria Praça, pelas intermináveis discussões acerca do tapi-rapé, e aos meus orientandos de PIBIC, pelos estudos conjuntos e pela convivência agradável no Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília. Finalmente, gostaria de agradecer à audiência do I Encontro Internacional do GT de Linguística Indígena da ANPOLL pelos comentários e ao CNPq, que viabilizou minha ida ao Encontro. (hsalles@unb.br).

1. SUBORDINAÇÃO E INCORPORAÇÃO EM TUPINAMBÁ, TAPIRAPÉ E KAMAIURÁ

Conforme mencionado, em línguas Tupí-Guaraní (TG), construções introduzidas por predicados do tipo *aspectual*, *volitivo* e *de habilidade mental* são realizadas por meio de padrões gramaticais distintos, dependendo de o sujeito da matriz ser ou não correferente com sujeito do predicado subordinado. Nos casos em que existe correferência (COR), o tema verbal subordinado ocorre incorporado ao predicado matriz, conforme ilustrado em (1), (2) e (3), do tupinambá¹, do tapirapé² e do kamaiurá³, predicados respectivamente *aspectual*, *volitivo* e *de habilidade mental*:

(1) a- 'yta(b)-kuab

1s-nadar-saber

'eu sei nadar'

(2) ié ã-inó-patã

eu 1SUJ-ouvir-querer

'eu quero ouvir'

(3) i-pytu-pik

3s-inspirar-CES

'ele parou de respirar' (1) i-pytu-pik

A hipótese da incorporação se justifica pela observação de que as marcas de pessoa se anexam ao complexo formado pelos dois temas verbais, exatamente como nas formas simples. Entretanto, o estatuto sintático ou morfológico da incorporação tem sido objeto de controvérsia, o que será discutido adiante. Pode-se então dizer que, nos contextos COR, a incorporação codifica a chamada *equi-exclusão*, pela qual uma das ocorrências do sujeito é apagada (cf. Noonan (1985)). Diferentemente, em línguas como o português, a *equi-exclusão* se manifesta em uma estrutura perifrástica, conforme ilustrado em (4):

(4) Maria quer ~~Maria~~ nadar

¹ Os exemplos do tupinambá foram colhidos em comunicação pessoal com Aryon Rodrigues, tendo sido ainda consultado Navarro (1999).

² Os exemplos citados do tapirapé foram colhidos em comunicação pessoal com Walkíria Praça, tendo sido ainda consultado Praça (1998).

³ Os exemplos citados do kamaiurá foram colhidos em Seki (2000).

No âmbito da gramática gerativa, postula-se que a posição de sujeito subordinado é preenchida por uma categoria pronominal nula PRO, e a coreferência entre os sujeitos é expressa em termos da noção de controle: as propriedades denotacionais da categoria pronominal nula são determinadas por um argumento no predicado matriz.

Nas construções com sujeitos com referência disjunta (DIS), o predicado subordinado aparece nominalizado, o que se confirma pela presença da morfologia de caso *argumen(ta)tivo* e pelo fato de os argumentos do predicado subordinado serem realizados sintaticamente como genitivos (cf. (5), do tapirapé):

- (5) ié ã-patã né Ø-á-Ø
 eu 1SUJ-querer 2ABS CNT-ir-ARG
 'eu quero que você vá embora' (=eu quero sua ida)

Assim, como ressalta Seki (op. cit.:172), referindo-se ao kamaiurá, 'os complementos nominalizados não vêm associados a elementos correspondentes aos complementizadores de línguas indo-européias.' Diferentemente, em línguas como o português, a referência disjunta é realizada em uma estrutura introduzida por um complementador, com verbo finito (cf. 6)):

- (6) eu quero que você vá embora

A alternância entre formas incorporadas e não-incorporadas (cf. (1) e (3), em oposição a (5)), pode ser tomada como evidência para uma abordagem derivacional da incorporação nas construções relevantes (cf. Baker (1988)). Assim, considera-se que a forma incorporada resulta do movimento do núcleo verbal subordinado para a posição do núcleo verbal da matriz, uma operação que se submete às restrições do movimento sintático, cuja manifestação é determinada em termos de restrições paramétricas (para uma proposta, cf. Baker (1995)). Esse movimento, realizado na sintaxe aberta, está ilustrado em (7), com dados do tapirapé:

- (7) ... ié $V_{a-inó-patan} [CP C_{inó} [TP PRO [T' T_{inó} [VP V_{inó}]]]]$

Um problema para essa análise é que o caráter bi-oracional nos contextos COR, implícito na configuração [V- CP], não capta a restrição a CP encaixado nas construções DIS. A discussão dessa questão tomará por base estudos gerativos acerca do fenômeno da *reestruturação*, cujos efeitos têm sido observados em línguas como o italiano.

2. CONSTRUÇÕES COM SUJEITOS CORREFERENCIAIS E O FENÔMENO DA REESTRUTURAÇÃO

Um primeiro aspecto a destacar em relação às construções COR em estudo são as propriedades léxico-semânticas do predicado matriz. A hipótese inicial é que essas propriedades podem estar na base da definição quanto a que relações sintáticas podem, ou não, ser expressas por palavras morfologicamente complexas, ou definidas em termos de processos sintáticos de incorporação.

Nesse sentido, uma generalização emerge quanto às restrições semânticas para a ocorrência da incorporação em línguas TG, que parece restringir-se à leitura aspectual e modalizada (volitiva e de habilidade (mental)); inversamente, na leitura evidencial, emerge o sistema de partículas evidenciais (cf. Seki (op. cit.)). Um corolário dessa análise é que a incorporação, ao excluir a leitura evidencial, é contingente na dependência temporal em relação ao predicado matriz (cf. essa correlação foi apontada em Luján (1978, *apud* Kayne (op. cit.)), acerca da reestruturação do italiano, a ser discutida adiante).

Essas correlações ficam mais interessantes quando se consideram fenômenos como a subida do clítico, em línguas como o italiano, cuja manifestação se restringe aos mesmos contextos codificados pela incorporação em línguas TG: perífrases modais, aspectuais (e verbos de movimento) (cf. (8), em oposição a (9), exemplos de Cinque (2001)):

(8) Lo volevo vedere '(Eu) o quero ver imediatamente'

(9) *Lo detesto vedere subito '(Eu) o detesto ver'

O contraste em (8) e (9) tem recebido diferentes tratamentos teóricos. A abordagem bi-oracional supõe postular que o predicado subordinado é um CP e que cada verbo tem uma estrutura argumental. Adicionalmente, requer a postulação de um mecanismo de *reestruturação*, que pode ser formulado em termos de movimento do núcleo, proposto em Kayne (op. cit.), Roberts (op. cit) (cf. (10)):

(10) [VP T_{inf} + V_{reestr} [CP C_T [TP T_{inf} [... [VP V_{inf} ...

Em estudo recente, Cinque (2001) propõe uma análise mono-oracional, postulando que os verbos de *reestruturação* lexicalizam diferentes posições funcionais, na estrutura da oração, o que implica considerar que não têm estrutura argumental.

Assumindo-se que as línguas TG manifestam o efeito de *reestruturação* por meio da incorporação, a análise mono-oracional exclui a postulação do CP encaixado, um resultado desejável já que as línguas TG não codificam

o encaixamento sintático por meio de um complementador. A avaliação dessa hipótese requer, porém, o estudo da manifestação de outras categorias funcionais na estrutura oracional, o que deixamos para pesquisa futura. Na próxima seção, serão examinadas as construções DIS.

3. CONSTRUÇÕES EM QUE OS SUJEITOS TÊM REFERÊNCIA DISJUNTA DIS: FINITUDE E NOMINALIZAÇÃO

Conforme mencionado, nas línguas TG, em construções com sujeitos com referência disjunta DIS, o predicado subordinado é uma expressão nominalizada, o que sugere que seja realizado como um DP (em oposição a línguas que utilizam um complementador, selecionando CP). Alguns estudiosos consideram que predicados nominalizados não constituem caso de complementação oracional (cf. Noonan (1985)).

Por outro lado, esses fatos captam um paralelismo que vem sendo postulado entre as propriedades de DP e CP. De fato, ambos podem ocorrer como argumento de um núcleo lexical e, no que se refere à codificação das propriedades denotacionais do argumento, podem ser codificados como referenciais (predicados com tempo conclusivo [+perfectivo] *versus* expressão nominal específica) ou não-referenciais (predicados estativos, habituais, processuais [+imperfectivo] *versus* expressão nominal genérica).

Além disso, as relações temporais são codificadas em construções que selecionam tanto CP quanto DP. De fato, nas línguas TG, o predicado nominalizado recebe marcas de tempo, em contextos em que há independência em relação ao tempo da matriz. É o que ocorre em (11), do Tupinambá (adaptado de Navarro (2000:117)) — compare-se com a tradução em português:

- (11) a-ikuab nde i iuká-puer/ram -a
 1s-saber 2p_{ABS} 3s matar-PASS/FUT-ARG
 'eu sei que tu o mataste/ matarás'

Uma forma natural de analisar o sistema DP nas línguas TG é considerar que as propriedades temporais e aspectuais associadas ao evento nominalizado são realizadas na projeção funcional (estendida) do núcleo nominal. Os detalhes a respeito da codificação dessas propriedades na projeção DP serão investigados em pesquisa futura.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo examinou a sintaxe da subordinação completiva em línguas da família Tupí-Guaraní, tendo considerado construções com sujeitos correferenciais (COR), em que se verifica a incorporação, e construções com

sujeitos com referência disjunta (DIS), em que o predicado encaixado ocorre nominalizado. Foi apontado que a incorporação verbal se restringe a predicados que codificam propriedades aspectuais e modalizadoras (de volição, habilidade cognitiva) em relação ao estado de coisas descrito (em oposição à codificação da modalidade epistêmica/ declarativa, codificada por partículas evidenciais). Verificou-se que a contraparte das construções COR de TG, em outras línguas, está associada a fenômenos como a subida do clítico, que indicam a ocorrência de um tipo de *reestruturação* ou união oracional. Assumindo-se uma abordagem sintática da incorporação, foi proposto que as propriedades aspectuais e de modalização não-evidencial estão codificadas de forma semelhante nas línguas, em termos de movimento de núcleo na estrutura da oração.

Discutiu-se ainda o caráter mono ou bi-oracional das construções com movimento de núcleo, tendo sido apontado que essas possibilidades têm implicações para as propriedades temáticas dos verbos de *reestruturação*. Foi observado que a análise mono-oracional permite manter a generalização quanto às propriedades de seleção categorial dos predicados encaixados nas línguas TG, que não utilizam complementadores.

Assumindo-se que complementos nominalizados das línguas TG são DPs, buscou-se demonstrar que codificam propriedades temporais e aspectuais, assim como as construções com complementadores das línguas indo-européias, realizadas como CP. Esse contraste sugere que se trata de uma diferença paramétrica entre as línguas TG e as línguas indo-européias, na codificação de propriedades semânticas universais. Uma linha de investigação na formulação desse parâmetro é relacioná-lo às construções envolvendo movimento de núcleo, em que a variação paramétrica se manifesta em termos da presença/ ausência de formas compostas (incorporação). Deixamos essa questão para investigação futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chomsky, Noam (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press
- Cinque, Giuglielmo (2001). 'Restructuring'. ms. University of Venice.
- Baker, Mark. (1988). *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- _____. (1995) *The Polysynthesis Parameter*. Oxford: Oxford University Press
- Kayne, Richard (2000) *Parameter and Universals*. Oxford: Oxford University Press

- Leite, Yonne (1977) 'Aspectos da fonologia e morfologia tapirapé'. *Série Lingüística VIII*. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Noonan, M. (1995) 'Complementation'. Em: Shopen, T. (org.). *Language typology and syntactic description*, Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rizzi, Luigi. (1982). *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- Roberts, Ian (1997). 'Restructuring, head movement and locality'. *Linguistic Inquiry* 28 (3), p. 423-460.
- Rodrigues, Aryon. (1996). 'Argumento e predicado em Tupinambá'. *Boletim da ABRALIN* 19: 57-66
- Praça, W. (1998) *Nomes como predicados em Tapirapé*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- Seki, Lucy. (2000). *Gramática do Kamaiurá, língua Tupí-Guaraní do Alto Xingu*. Campinas: Editora da UNICAMP.